

RECOMEÇO: GRUPO DE LEITURA E ESCRITA COM JOVENS E ADULTOS

Adrienne Ogêda Guedes¹

Introdução

O grande infortúnio dos sem-direito não é o de serem privados da vida, da liberdade e da busca da felicidade, ou ainda da igualdade perante a lei e da liberdade de opinião, mas o de terem deixado de pertencer a uma comunidade; seu grave defeito não é o de serem iguais perante a lei, é que para eles não existe lei nenhuma.
(Hannah Arendt)

Conquista histórica, o direito a educação é fundamento para o pleno exercício da cidadania. A constituição de 1988 tornou o ensino básico obrigatório e gratuito um direito público subjetivo para todos, incluindo aqueles que não tiveram acesso aos estudos na idade própria. Afirma-se assim a educação em seu papel central de garantir a construção de sujeitos de direitos. A formação de uma cultura de direitos humanos implica pensar o (a) cidadão (ã) em suas relações com o direito à educação e a participação efetiva nas estruturas político, econômicas, sociais e culturais da sociedade em que estão inseridos.

No entanto, o acesso a educação para os grupos sociais que por diferentes razões não o tiveram na idade regular, não recebe a mesma prioridade de atendimento que o de crianças e jovens na idade prevista para a escolarização. Concentram-se esforços e recursos nos segmentos da educação regular, tornando a demanda dos demais grupos praticamente invisível. Compreendemos que há uma dívida histórica com o estudante-trabalhador, reconhecido como sujeito de direitos que em razão de desigualdades presentes na sociedade brasileira tiveram negados seus direitos à educação no passado.

Movidas por essas reflexões iniciais criamos o projeto de extensão “Práticas de leitura e escrita, grupo cultural para jovens e adultos²”, que ganhou um novo nome após seu início, “Recomeço”, conferido pelos próprios participantes. Nesse artigo trazemos a história desse jovem projeto e algumas de suas realizações. Trata-se de uma parceria entre as Escolas de Educação e de Enfermagem da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (esta última, por meio de seu Programa Fábrica de Cuidado³) que se encontra em seu segundo ano de trabalho. Pelo projeto tem passado diferentes professores, estudantes e participantes. Contar sua história é apostar numa ação afirmativa e potente da universidade no diálogo com as demandas da comunidade próxima. Neste artigo iniciamos por contextualizar a alfabetização no Brasil, destacando aspectos da sua história e trazendo dados estatísticos referentes a taxas de analfabetismo e proficiência em leitura e escrita. Em seguida relatamos a origem do projeto em pauta, suas motivações e fundamentos. Por fim apresentamos alguns resultados dessa ação extensionista, destacando as perspectivas que ela anuncia.

¹ Esse artigo foi inspirado em um trabalho anterior produzido em parceria com as bolsistas de extensão Jocelma Komarov e Juliane Faria. E-mail: adrienne.ogeda@gmail.com.

² Esse projeto foi criado com a parceria das estudantes, agora Pedagogas formadas, Christiane Louvera e Maria Lúcia Lima.

³ O programa Fábrica de Cuidados tem por objetivo oferecer diversas atividades ligadas à saúde a comunidade do entorno da Universidade.

Alfabetização no Brasil: uma questão política

Leitura e escrita são compreendidas como fatores decisivos de inserção social, especialmente nos centros urbanos. Uma grande quantidade de práticas sociais envolve essas dimensões. Circulam textos de variados tipos e funções por praticamente todos os espaços sociais e por meio deles é possível o acesso a novos conhecimentos e informações. Com a leitura é possível aproximar-se de realidades diferentes daquela em que se vive, experimentar sentimentos e outras vivências subjetivas. A leitura também permite o acesso a novos conhecimentos e um posicionamento mais consciente em debates que envolvam temas sociais relevantes.

Garantir o mais amplo acesso à leitura em qualquer momento da vida ou qualquer idade é, então, uma questão política, um direito imprescindível de qualquer cidadão. Partindo desse pressuposto, a escola, como instituição responsável por ensinar a ler, ganha relevância crucial, e o investimento na educação, especialmente na alfabetização inicial, deixou de ser escolha. Trata-se de uma necessidade que interfere diretamente na qualidade de vida da população de qualquer país. Porém nosso país ainda apresenta um panorama de proficiência na leitura e na escrita aquém do desejado.

De acordo com relatório divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO) o Brasil é o oitavo colocado entre 150 países em analfabetismo mundial.

Em conformidade com os dados divulgados no último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado em 2012 e apresentado em 2013, 8,6% da população brasileira acima de 15 anos de idade é constituída de analfabetos, totalizando um quantitativo de 13,2 milhões de analfabetos em nosso país. O maior índice de 54% encontra-se na região Nordeste e o menor de 4,4% na região Sul do país. Esses índices são mais altos entre a população mais idosa. Entre os que têm 60 anos ou mais, 24,4% não sabem ler ou escrever. Entre 40 e 59 anos, o índice é de 9,8%. Dos 30 aos 39 anos 5,1% são analfabetos e na faixa etária entre 25 a 29 anos, 2,8% também não sabem ler e escrever.

Ainda segundo o censo do IBGE a taxa de analfabetismo funcional decresceu em relação ao censo de 2011, passando de 20,4% para 18,3% da população com idade superior a 15 anos que possuem menos de 4 anos de estudo. Apesar da queda, esse percentual significa um total alarmante de 27,8 milhões de brasileiros analfabetos funcionais.

Tendo em vista os índices acima mencionados podemos perceber que milhões de pessoas em nosso país estão impedidas de exercer sua plena cidadania, já que a pessoa analfabeta é socialmente discriminada e até ela mesma se exclui da sociedade por se achar “incompetente”. Em uma sociedade letrada, aquele que não domina a linguagem escrita é socialmente excluído.

Mesmo entre os considerados “alfabetizados” pelas estatísticas oficiais, testes de proficiência em leitura como o realizado PISA⁴ (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), indicam uma piora do desempenho em leitura do Brasil.

Em 2012, o desempenho dos estudantes brasileiros em leitura piorou em relação a 2009. De acordo com dados do Pisa, o país somou 410 pontos em leitura, dois a menos do que a sua pontuação na última avaliação e 86 pontos abaixo da média dos países da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Com isso, o país ficou com a 55ª posição do

⁴ O Pisa, sigla do Programme for International Student Assessment, que em português, foi traduzido como Programa Internacional de Avaliação de Alunos é um programa internacional de avaliação comparada, aplicado a estudantes da 7ª série em diante, na faixa dos 15 anos, idade em que se pressupõe o término da escolaridade básica obrigatória na maioria dos países. Esse programa é desenvolvido e coordenado internacionalmente pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), havendo em cada país participante uma coordenação nacional. No Brasil, o Pisa é coordenado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

ranking de leitura, abaixo de países como Chile, Uruguai, Romênia e Tailândia. Segundo o relatório da OCDE, parte do mau desempenho do país pode ser explicado pela expansão de alunos de 15 anos na rede em séries defasadas.

Quase metade (49,2%) dos alunos brasileiros não alcança o nível 2 de desempenho na avaliação que tem o nível 6 como teto. Isso quer dizer que eles não são capazes de deduzir informações do texto, de estabelecer relações entre diferentes partes do texto e não conseguem compreender nuances da linguagem. Tendo em vista o panorama apresentado até aqui, fica evidente a importância do fomento a projetos voltados especialmente para jovens e adultos que ao longo de sua trajetória de vida não puderam incluir-se em práticas de leitura e escrita.

Nosso projeto, “Recomeço”, surge da inquietação de um grupo de estudantes e professores, uma da Escola de Educação e outra da de Enfermagem, com relação a esse tema. No ano de 2015, elaboramos um projeto de extensão focado no desenvolvimento da leitura, da escrita e da expressão oral. O público alvo era os funcionários terceirizados que circulam diariamente por nossa universidade. Mobilizava-nos saber que grande parte dessas pessoas tinham pouca ou mesmo nenhuma escolaridade. Como, sendo nós estudantes e professores, estreitamente ligados à produção e circulação de conhecimento, dar as costas a essa questão? Compreendíamos que o papel da universidade era estar em sintonia com as questões sociais mais amplas, de seu entorno e da própria comunidade trabalhadora.

Material e Metodologia

O projeto Recomeço, caminhos da ação: sua história e princípios teórico metodológicos

Respeitando os sonhos, as frustrações, as dúvidas, os medos, os desejos dos educandos, crianças, jovens ou adultos, os educadores e educadoras populares têm neles um ponto de partida para a sua ação. Insista-se, um ponto de partida e não de chegada.
(FREIRE, 1993, p. 16).

O projeto, que teve início em 2015 e agora vive seu segundo ano, teve como objetivo geral organizar um grupo de jovens e adultos cujo foco fosse a apropriação da leitura, escrita e a oralidade, por meio do debate e reflexão dos temas atuais e a circulação da palavra entre os sujeitos. O público alvo do projeto é bem heterogêneo com participantes de diferentes idades, costumes, cultura e também com diferentes níveis de apropriação da leitura e escrita.

Em seus depoimentos a respeito das razões para o afastamento da escola, muitos reportam não terem conseguido um bom desenvolvimento escolar, o que nos indica serem oriundos, possivelmente, de uma estrutura escolar que, de algum modo, os afastou da escola. Vale acrescentar que muitos também atribuem o afastamento a questões de ordem pessoal.

Todos os encontros do grupo têm base no diálogo e na autonomia dos participantes. A proposta é criar um espaço de encontro e troca entre os participantes, a partir da concepção freireana da alfabetização que valoriza os saberes dos estudantes e compreende a leitura como uma prática de cidadania.

Eu sempre ficava animado quando tínhamos as aulas de debates sobre o descobrimento do Brasil e sobre a poesia. E o filme “Central do Brasil” que foi muito importante para mim. Fiquei muito emocionado também durante o filme foram momentos de confraternização. A aula de matemática foi muito importante, pois, eu mesmo não sabia

muito, foi muito importante. Tivemos a aula sobre o escambo entre os portugueses e os índios para pagamento de mão de obra que os índios prestavam. E também a troca de mercadoria entre os primeiros habitantes. Eu sempre comentava, principalmente com o Marcos, que nós deveríamos nos unir mais para aprender por que as professoras nos ensinavam com empenho e que eu principalmente não tirei férias para não perder nenhuma aula. (Participante T, 2015)

Trabalhar uma concepção que tem a história de vida como geradora do processo de aprendizagem, incluindo os interesses dos participantes e suas leituras de mundo, movimenta a turma e gera um maior envolvimento por parte do participante, pois estão naquela sala de aula não somente para aprender a ler e escrever, mas também para pensar, para assumir a sua própria identidade e para reconhecer o seu papel na sociedade. Diariamente lidamos com o sonho de cada indivíduo que participa. Talvez o sonho inicial seja somente aprender a ler e escrever, porém sabemos que a educação vai além, auxiliamos o desabrochar de cidadãos pensadores e com consciência de seus direitos e deveres.

A maior característica do projeto é o acolhimento que se faz necessário, como declara (LUCKESI, 2000, p. 171) [...] “O ato amoroso é um ato que acolhe atos, ações, alegrias e dores como eles são; acolhe para permitir que cada coisa seja o que é neste momento...” Podemos viver esse ato amoroso no projeto com a percepção de suas necessidades.

Partindo da concepção freireana⁵ de alfabetização, que valoriza os saberes dos sujeitos e compreende a leitura como uma prática de cidadania, nosso projeto constitui-se em um espaço de encontro e troca entre os participantes, em que a palavra possa circular, os temas atuais possam ser discutidos e trabalhados, bem como os de interesse, e seja possível a apropriação e fruição na leitura e na escrita por parte desses sujeitos.

Alguns resultados: na potência da palavra, um recomeço!

Chama atenção à quase unânime constatação dos participantes em afirmarem que depois da participação nas aulas, houve uma modificação na forma de se expressarem, o desenvolvimento na oralidade os auxiliou na forma de interagir nos ambientes familiar, profissional e social.

Com o projeto a gente aprende a falar. Não que a agente não soubesse falar... mas hoje nos expressamos melhor. (depoimento de uma participante)

Alguns relataram que jamais tinham imaginado que pudessem estar nas salas de aula na condição de alunos, uma vez que em seu lugar de prestador de serviços estavam longe desta perspectiva.

Em suas falas, havia muita satisfação pela oportunidade de voltarem a se relacionar com seus pares no exercício da profissão, onde imaginavam estar sozinhos em suas dificuldades, e encontram no projeto o lugar onde conseguiram retomar relações sociais que para muitos já haviam considerado como perdidas.

Nosso objetivo focado na apropriação da leitura e da escrita por meio do debate e da convivência entre os sujeitos, expressa que uma das principais vertentes do pensamento de Paulo Freire foi alcançada, pois os participantes do grupo tornaram-se sujeitos ativos no processo ensino aprendizagem, uma vez que, atingiram um nível de autonomia e segurança,

⁵ Paulo Freire, importante educador brasileiro, é reconhecido especialmente pelo trabalho que realizou de alfabetização popular no Brasil, cujo conceito de cidadania articulado com a leitura e a escrita eram centrais.

permitindo-lhes a procura de outros meios que lhes possibilitassem a continuidade dos estudos.

Alguns depoimentos corroboram nossa percepção de ter favorecido a conquista de uma maior autonomia e segurança. Dona Derli, 65 anos, uma das participantes do primeiro semestre de 2015, quando questionada sobre sua ausência, nos informou que procurou uma escola próxima a sua residência no bairro de Paciência e conseguiu matricular-se no período noturno. Ela também reafirmou a importância do projeto em sua vida, pois agora acompanha melhor os estudos do neto e as aulas que assistiu conosco foram o incentivo que lhe faltava para retornar aos estudos.

Alguns participantes mesmos matriculados na escola regular permaneceram no projeto, pois compreenderam que a participação lhes proporcionou além da melhora na escrita, o desenvolvimento na oralidade e na leitura, muitos relatam que perderam a vergonha de ler em voz alta e se orgulham de conseguir conversar com desenvoltura em ambientes diversos sobre assuntos que antes do projeto desconheciam.

Evidenciou-se na prática que o diálogo é o encontro entre a ação e a reflexão e que os debates que foram realizados contribuíram para a transformação dos saberes em pensamentos críticos e autônomos.

“O diálogo é o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo, para designá-lo. Se ao dizer suas palavras, ao chamar ao mundo, os homens os transformam, o diálogo impõe-se como caminho pelo qual os homens encontram seu significado enquanto homens; o diálogo é, pois, uma necessidade existencial.” (Freire, 1980, p. 82).

No fim do ano passado em 2015, para finalizar as atividades propusemos que todos nós, estudantes e participantes, escrevêssemos juntos um livro que contaria nossa trajetória.

Um dos capítulos desse livro era “O que mudou na sua vida e as expectativas futuras, após ingresso no projeto”, nesse capítulo observa-se a função social da leitura e da escrita. Em seus relatos os participantes falavam de como a vida deles mudou após uma maior apropriação da leitura.

“Tudo ficou mais fácil, a leitura, um nome de uma rua, receitas e livros. Não me sinto leiga, não me sinto envergonhada. Já me sinto à vontade com as letras, é uma sensação de liberdade comigo mesma. Às vezes eu me travo na leitura, mas isso não quer dizer que eu não sei ler...” (Participante G, 2015)

No fragmento separado acima trazemos a fala de um dos participantes do projeto, onde podemos reconhecer a leitura e a escrita tem uma função importante na vida do indivíduo, ele sente que tudo ficou mais fácil por conseguir com mais apropriação ler o nome de uma rua ou uma receita.

A leitura e a escrita funcionam como uma abertura para o mundo, um mundo novo, no qual aquele indivíduo já participava, mas de forma coadjuvante agora sente-se capaz de ser o ator principal.

Conclusão

O projeto de extensão Recomeço tem se constituído em uma rica experiência de formação para seus integrantes: estudantes extensionistas, professores orientadores e adultos participantes. O contato estreito com o grupo e o envolvimento em atividades diárias de

planejamento e estudos a respeito da educação de jovens e adultos trazem uma gama de aprendizados significativa! Além disso, o projeto traz efetivamente oportunidades de desenvolvimento pleno da escrita, da leitura e da oralidade para o grupo de participantes. A partir do que temos caminhado muitas novas possibilidades se anunciam no horizonte, todas em prol de uma educação que possa contribuir para o desenvolvimento da cidadania e ampliação da presença da universidade junto à comunidade.

Referências

CAPUCHO, Vera. **Educação de jovens e adultos**: prática pedagógica e fortalecimento da cidadania. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo. **Educação com prática da liberdade**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1980.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 10. ed. SP: Ed. Cortez, 2000.

Ministério da Educação. Parecer CNE/CEB 11/2000, de 7 de julho de 2000.

Diretrizes curriculares nacionais para educação de jovens e adultos. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 9 jun. 2000. Seção 1e, p. 15. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja/legislacao/parecer_11_2000.pdf>. Acesso em: 29, abr., 2016.

OGÊDA, Adrienne, FARIA, Juliane E ROSA, Rafael. **Recomeço**: construindo uma prática em prol da cidadania e autonomia. 2015. Trabalho apresentado no I Seminário do Laboratório de Investigação, Ensino e Extensão em Educação de Jovens e Adultos (LIEJA-UFRJ) em 29 e 30 de outubro de 2015.

Revista Recomeço: Projeto de extensão para jovens e adultos – UNIRIO -2015